

País não negocia nem paga até se arrumar

Brasília, sábado, 19 de maio de 1990 7

arrumar

Rio — Enquanto o Governo não acertar suas contas, definindo o superávit fiscal para 1990 e, em consequência, o montante de recursos que poderá pagar aos banqueiros estrangeiros este ano, o Brasil não iniciará as negociações sobre a dívida externa, nem chamará ao País a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que, em princípio, virá na primeira quinzena de junho. A informação é do embaixador extraordinário para a renegociação da dívida, Jório Dauster, que embarca amanhã para os Estados Unidos, junto com a ministra Zélia Cardoso de Mello, para participarem de reunião do Conselho das Américas e de um encontro com os presidentes dos seis maiores bancos credores do Brasil.

Com os banqueiros, na terça-feira, em Nova Iorque, a ministra e o embaixador não pretendem detalhar qualquer tipo de proposta de negociação, mesmo que embrionária, mas procurarão convencê-los de que o Brasil precisa de uma solução duradoura e

estável para sua economia e, portanto, não pode firmar acordos com os bancos.

As conversas que Jório Dauster tem mantido com técnicos experientes na negociação da dívida externa, como o ex-ministro Bresser Pereira e o economista Paulo Nogueira Batista Jr., têm contribuído para a formulação de idéias para futuras conversas com os credores, mas não significam ponto de partida para negociações, como têm interpretado alguns empresários ligados ao comércio exterior. Esses empresários têm também defendido que o Governo deveria tirar melhor proveito dos interesses comerciais, no Brasil, de empresas de países credores. Dauster, considera difícil obter apoio dessas empresas contra os interesses dos banqueiros internacionais. "O setor financeiro é compacto, interligado e exerce seu poder com eficiência e coesão. Já os interesses comerciais no Brasil são muito dispersos e dificilmente unificados", argumenta.